

Índios de Mongaguá se dizem esquecidos pela Funai

Fotos José Moraes

Luiz Marcello Ferreira
Da Sucursal de Itanhaém

As 49 famílias que fazem parte da Aldeia Indígena Boiretan, de Mongaguá, estão revoltadas com o esquecimento dos órgãos governamentais, como a Funai e o Ministério da Saúde. Esses índios, todos tupis-guaranis, dizem que muitas promessas foram feitas, mas continuam sem solução problemas antigos, como a falta de escolas e assistência médica.

Para o cacique Auá Guaculá, ou Antônio da Silva, a situação é desesperadora e alguns índios já estão passando necessidades. "Estamos sendo obrigados a morar perto da Cidade, mesmo possuindo uma área doada pelo Governo do Estado, onde teríamos condições de plantar e sobreviver. Só que lá não temos nada, nem água para beber", disse ele, que já manteve vários contatos com a administração da Funai em Bauru, que é responsável pelas aldeias indígenas de São Paulo e Rio de Janeiro.

"Estamos espalhados e os índios que têm vontade de vir para cá não podem, pois não há recursos. Nossos filhos precisam estudar. É melhor ter uma terra para plantar do que passar fome e necessidades na Cidade", disse

Auá, mostrando as deficiências do local onde a aldeia está sendo construída.

"Além de não ter água para beber, não temos escolas e postos de saúde. A estrada é muito ruim e passa por um terreno particular, cujo dono não gosta de índios. Abrimos uma picada no meio do mato para facilitar aqueles que querem se mudar". A Aldeia Boiretan ocupa uma área localizada entre o bairro de Agenor de Campos e a Serra do mar. "Nós só queremos trabalhar e dar condições para nossos filhos estudarem".

Agressão — Auá Guaculá, além de se queixar da falta de assistência, acusou o responsável pelo Posto Indígena (PI) de Peruíbe, Alencar José da Silva, de tê-lo agredido com um soco no peito, recentemente. "Este posto é o responsável pelos índios do Litoral Sul de São Paulo e quando fui lá pedir mais atenção para nossa aldeia, fui agredido por esse senhor", concluiu o cacique.

A Aldeia Boiretan é composta por 49 famílias indígenas. Ao todo, são 350 pessoas, das quais 154 são crianças, 98 idosos e 49 mulheres, que ajudam os maridos no cultivo de palmito e na venda de artesanato.



Os índios vivem em habitações precárias e reclamam também condições para plantar e maior assistência social para as famílias

Administrador desconhecia a situação

Ao ser contatado por telefone e inquirido a respeito da situação da Aldeia Boiretan, o administrador da Funai em Bauru, Carlos Marinho, que está no cargo há cerca de 45 dias, disse a *A Tribuna* que desconhecia a gravidade da situação na área indígena de Mongaguá, principalmente a precariedade das moradias dos índios, que são feitas de madeira, em terreno de terra batida, sem assoalho. Mas prometeu analisar o caso com atenção.

Carlos Matinho disse que, recentemente, todos os administradores da Funai estiveram reuni-

dos em Brasília, participando de um fórum sobre saúde indígena. "Na oportunidade, discutimos também a situação da educação e da agricultura. Os problemas desses índios de Mongaguá, pelo que sei, são antigos. O cacique, inclusive, já foi parar na polícia por ter agredido uma senhora. Também soube do problema com o chefe do Posto Indígena de Peruíbe, mas não de agressão ao cacique", garantiu Marinho, prometendo apurar também esse caso. "Vamos instaurar uma sindicância administrativa. Um representante da Funai não pode dar socos em índios".

A falta de assistência reclamada pelos tupis-guaranis é justificada por ele com um argumento muito simples. "O orçamento da União foi aprovado outro dia e os nossos recursos só serão liberados no dia 15 de maio. Por isso, a Funai está sem dinheiro para auxiliar as aldeias".

Carlos Marinho disse que na próxima semana visitaria todas as aldeias existentes entre Angra dos Reis (RJ) e São Vicente, na Baixada Santista. "Agora vou esicar a viagem até Mongaguá, para apurar os problemas que estão ocorrendo lá e tomar as medidas cabíveis".

GRD. 16-916